

Título

Sob a sombra da águia romana: manifestações fascistas em textos jornalísticos de Ribeirão Preto/SP (1935-1936)

Autor

William Kleyton Costa
Thiago Barbosa da Silva

Ano de publicação

2026

Referência

COSTA, William Kleyton; SILVA, Thiago Barbosa da. Sob a sombra da águia romana: manifestações fascistas em textos jornalísticos de Ribeirão Preto/SP (1935-1936). **Transições**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2026.

SOB A SOMBRA DA ÁGUIA ROMANA: MANIFESTAÇÕES FASCISTAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DE RIBEIRÃO PRETO- SP (1935-1936)

UNDER THE SHADOW OF THE ROMAN EAGLE: FASCIST EXPRESSIONS IN THE PRESS OF RIBEIRÃO PRETO, SÃO PAULO (1935–1936)

William Kleyton Costa¹
Thiago Barbosa da Silva²

Resumo: O artigo em questão tem por objetivo norteador analisar as manifestações de adesão ao fascismo italiano em periódicos que circularam na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, especialmente publicados entre os anos de 1935 e 1936. Para dar conta da empreitada, em consonância com os critérios de análise documental das Ciências Humanas, mobilizamos um enquadramento teórico-conceitual às materialidades da imprensa local e a conjunturas transnacionais, entre elas: a imigração italiana, a máquina propagandística do regime fascista e os desdobramentos da Segunda Guerra ítalo-etíope. A partir da leitura de edições do Diário da Manhã, jornal ribeirão-pretano, mapeamos padrões de exaltação do *Duce* e do chamado “mito da romanidade”; da moralização da “ordem”, “unidade” e “disciplina”; estetização do sacrifício; da legitimação da violência colonial como “missão civilizatória”; e da circulação de boletins, telegramas e anúncios culturais que conectam redes associativas locais a agendas do fascismo em plena expansão da Itália da primeira metade do século XX. Mostramos, deste modo, como a imprensa local funcionou enquanto um canal de mediação e operador ideológico, afinando sensibilidades pró-fascistas em uma cidade absolutamente marcada pela forte presença italiana, mobilizada em

¹ Doutorando em Educação (FFCLRP/USP); Mestre em Educação (FFCLRP/USP); Especialista em História, Cultura e Sociedade (CBM); Graduado em História (CBM); Docente do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá/Ribeirão Preto -SP. E-mail: william.kleyton@baraodemaua.br

² Graduando no curso de Licenciatura em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Participou do Programa de Iniciação Científica (PIC) da referida instituição, onde desenvolveu, sob orientação do Prof. Me. Yuri Araujo Carvalho, a pesquisa intitulada “A ideologia fascista nos cinemas da terra do café: a exibição do filme “Camici Nera” em Ribeirão Preto (1935)”. E-mail: thiagosilvab131@gmail.com

especial para ocupações de trabalho familiar na grande lavoura cafeeira.

Palavras-chave: Jornais; Fascismo; Ribeirão Preto.

Abstract: This article aims to analyze manifestations of adherence to Italian fascism in periodicals circulating in Ribeirão Preto, an inland city in the state of São Paulo, with particular attention to issues published between 1935 and 1936. In line with documentary analysis standards in the humanities, we mobilize a theoretical-conceptual framework alongside the materialities of the local press and transnational conjunctures, including Italian immigration, the regime's propaganda machinery, and the unfolding of the Second Italo-Ethiopian War. Based on readings of issues of the Ribeirão Preto newspaper *Diário da Manhã*, we map recurring patterns: exaltation of the Duce and the so-called "myth of Romanity"; moralization of "order," "unity," and "discipline"; the aestheticization of sacrifice; legitimization of colonial violence as a "civilizing mission"; and the circulation of bulletins, telegrams, and cultural announcements that link local associative networks to the agendas of an expanding fascism in early twentieth-century Italy. We thus show how the local press operated as a channel of mediation and an ideological apparatus, attuning pro-fascist sensibilities in a city markedly shaped by a strong Italian presence, notably mobilized in family-based labor within the large coffee plantations.

Keywords: Newspapers; Fascism; Ribeirão Preto.

INTRODUÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM RIBEIRÃO PRETO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, contingentes muito significativos de homens e mulheres, quase sempre organizados em famílias relativamente numerosas e empobrecidas, deixaram a Itália em busca de melhores condições de vida e novas oportunidades de emprego. Neste ponto, a partir de 1870 a emigração italiana para o Brasil decorreu sobretudo de fatores de repulsão internos à própria realidade histórica, econômica e social deste país.

À guisa de identificação dos principais fatores, parte da literatura especializada e da produção historiográfica apontam para questões vinculadas à crise agrária (baixa produtividade e condições adversas); pressão demográfica sobre economias camponesas; desemprego e subemprego vinculados a uma industrialização tardia e concentrada, além de onerosa carga fiscal, endividamento rural e serviço militar obrigatório em decorrência das tensões entre as diversas regiões do país e os vizinhos europeus em um contexto histórico que, indiretamente, precede a Grande Guerra do início do século XX.

Tais circunstâncias levaram à vulnerabilidade de muitas famílias e tornaram mais tangível a possibilidade estratégica de migração transatlântica, frequentemente mediada por redes de conterrâneos que reduziam custos de informação e risco. Conforme, indicam Daniel Natali de Souza e Cristiane Dall' Agnol da Silva Benvenuto (2024), essa imigração

[...] se caracterizou pela vinda em massa de italianos para o Brasil, destinados, principalmente, ao Sul e Sudeste do país. O objetivo básico e central dessa imigração, sob a perspectiva brasileira, era trazer indivíduos que estivessem dispostos a deixar sua terra natal e virem ao Brasil para trabalharem majoritariamente nas lavouras de café, atuando, concomitante e posteriormente, como empreendedores no comércio, na indústria ou na prestação de serviços (Souza; Benvenuto, 2024, p.146).

Somado aos pontos levantados por Souza e Benvenuto (2024), é válido mencionar que a unificação tardia da Itália (se comparada com outros países da Europa) realizada entre 1861 e 1871 e a diminuição de incentivos agrários, bem como o aumento do preço de produtos básicos e, concomitantemente, o também tardio processo de revolução industrial, corroborou significativamente para agravar o desemprego tanto nas cidades quanto no campo (Calsani, 2010).

Diante de tais condições adversas, o “fazer a América” empreendeu-se como uma solução imediata - e, até então, necessária - desses italianos para superarem tais circunstâncias de constantes dificuldades e penúria candentes no país durante o aludido período:

Muitos trabalhadores do campo não tinham empregos fixos, contratos de trabalho, e viviam em deslocamentos constantes sem nenhuma perspectiva de especialização e qualificação profissional; fadados a sorte e a boa vontade de alguns proprietários agrícolas [...] O fazer América foi a solução imediata e até mitológica – *la terra della speranza* – para trabalhadores comuns e com subempregos; desempregados e também para o Estado Italiano. No período de 1903-1920, a emigração italiana para a América demonstrou uma média anual de 198.962 italianos que desembarcavam nos Estados Unidos, 52.970 na Argentina e 17.036 que aportavam em terras brasileiras (Calsani, 2010).

De tal modo, a emigração passou a ser tornar uma possível e, até então, válvula de escape para contornar essas questões sociais e econômicas. Entre múltiplos destinos, os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil foram os países que mais receberam esses imigrantes. Estima-se que, durante as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX, um total de 4.903.991 imigrantes italianos passaram a trabalhar e viver em território brasileiro, os quais traziam consigo suas particularidades culturais, costumes e crenças (Calsani, 2010).

No Brasil, a partir de incentivos políticos do próprio Império e também das províncias para com os grandes fazendeiros de café, o fluxo de imigrantes europeus, sobretudo, italianos, aumentou significativamente. Por intermédio desses incentivos governamentais, o político e fazendeiro paulista Martinico Prado (1843-1906) fundaria, no ano de 1886, a “Sociedade Promotora da Imigração”, onde, a partir dela, os fazendeiros não precisariam mais investir diretamente na mão de obra para as lavouras de café, pois passaram a ter auxílio do governo no custeio das passagens e agenciamento na própria Europa (Lages, 2016). Uma vez na Europa, os “agentes de emigração”, utilizavam-se de

estratégias para “instigar, seduzir, criar um imaginário nos italianos aptos a uma nova vida” (Calsani, 2010, p. 23), com intuito de trazer esses trabalhadores para as numerosas lavouras paulistas do “ouro verde”.

Em território brasileiro, o Estado de São Paulo seria o principal destino desses milhares de imigrantes, os quais chegavam, majoritariamente, no porto da cidade de Santos³. Se comparado com o restante do país, São Paulo recebeu contingentes significativos de imigrantes italianos, haja vista a expansão da economia cafeeira no estado e a necessidade da mão de obra para o trabalho nas lavouras.

³ De acordo com Paulo Cesar Gonçalves, para além do subsídio de passagens, era necessário criar condições de infraestrutura adequadas para receber esses imigrantes. Em um primeiro momento, os imigrantes que chegavam ao Brasil eram alojados em casas alugadas pelo próprio governo. No ano de 1882, por meio da aquisição de um edifício no Bom Retiro, estruturou-se a “Hospedaria dos Imigrantes”, com condições de alocação de quinhentas pessoas. Posteriormente, tornou-se necessária a construção da nova hospedaria, em detrimento dos grandes contingentes de imigrantes que chegavam aos portos da cidade de Santos. Concluída em 1888, a nova hospedaria foi projetada para abrigar três mil imigrantes, abrigando, em determinadas épocas, aproximadamente dez mil pessoas. A hospedagem desses imigrantes “[...] fazia parte de um ambicioso processo de recrutamento e encaminhamento de mão de obra para a lavoura cafeeira. A proposta era não permitir ao imigrante qualquer contato com o mundo exterior desde a sua chegada ao porto de Santos. Ao aportarem, os vapores recebiam a visita de um funcionário do serviço de imigração que fazia as verificações necessárias - sobretudo em relação às exigências legais - e depois acompanhava os imigrantes até a estrada de ferro “Ingleza” para embarcá-los com destino à Hospedaria do Brás, na capital. Desembarcados, eram registrados, alojados e aguardavam até serem contratados por algum fazendeiro. O embarque para o interior da província, com passagem paga pelo governo, realizava-se na própria estação da hospedaria” (Gonçalves, 2017, p. 254).

**COMPARATIVO DA ENTRADA DE IMIGRANTES ITALIANOS:
BRASIL E ESTADO DE SÃO PAULO (1820 - 1929)**

Períodos	Brasil	Total	Italianos	%	Estado de São Paulo	Total	Italianos	%
1820-1829		9.105	-	-		955	-	-
1830-1839		2.569	180	7,01		304	-	-
1840-1849		4.992	05	0,10		649	-	-
1850-1859		108.045	24	0,02		6.310	-	-
1860-1869		108.187	4.916	4,54		1.681	-	-
1870-1879		193.931	47.100	24,28		11.330	3.411	30,10
1880-1889		453.787	276.724	60,98		183.504	144.654	78,82
1890-1899		1.211.076	690.365	57,00		734.985	430.243	58,53
1900-1909		649.893	221.394	34,06		367.834	174.634	47,47
1910-1919		835.768	138.168	16,53		446.582	105.834	23,69
1920-1929		846.647	106.835	12,61		487.253	74.778	16,75
Totais		4.424.000 (100%)	1.485.711	33,58		2.241.387 (50,66%)	933.554	41,65

Fonte: Estatísticas italianas – ROSOLI, G. (org.). *Un secolo di emigrazione italiana*, 1876-1976, p. 353. Estatísticas brasileiras – Boletim do Departamento Estadual do Trabalho – 1921, pp. 82-84.

É válido dizer que a chegada desses imigrantes europeus ao Brasil referia-se, também, às alternativas empreendidas pelos grandes fazendeiros e cafeicultores no processo de substituição da mão de obra negra escravizada nas lavouras de café por uma mão de obra livre e assalariada, haja vista que a grande expansão cafeeira na região de Campinas e Ribeirão Preto coincidiu com a suspensão do tráfico de pessoas escravizadas (1850) e a própria abolição (1888) (Tuon, 2010).

Considerando a realidade política do Império do Brasil na segunda metade do século XIX, a Lei Eusébio de Queiroz (1850), ao desarticular o abastecimento transatlântico de cativos, reconfigurou os custos e a disponibilidade de trabalho nas zonas de expansão cafeeira do Centro-Sul, incentivando fazendeiros a institucionalizar arranjos contratuais com imigrantes (colonato, parceria, salários mistos, entre outros) e a articular redes públicas e privadas de recrutamento externo.

Em São Paulo, especialmente no eixo Campinas – Ribeirão Preto, esse redesenho jurídico-institucional esteve de acordo com as políticas provinciais de subsídio à imigração e com a Lei de Terras (1850), que restringiu o acesso independente à terra e reforçou a dependência do trabalho livre nas grandes propriedades, criando um mercado de trabalho relativamente fixo às fazendas em crescimento. De modo geral, o bloqueio do tráfico não apenas antecipou a crise de reposição de escravizados, como também acelerou a transição da lavoura para regimes de contratação de europeus em larga escala, sem romper, contudo, a hierarquia senhorial e os mecanismos de controle do trabalho e das pessoas alinhadas à realidade produtiva do Império (Cravo; Rodrigues; Godoy, 2020). Ademais, com o vislumbre da iminente abolição da escravatura no país (1888), é de certo pensar que a vinda desses trabalhadores europeus não se referia unicamente por mera consequência de tais condicionantes, haja vista que a vinda desses europeus ao país coadunava-se às políticas da Eugenia, em atividade desde a segunda metade do século XIX (Schwarcz, 1993).

Nos ditames desses processos que modificariam o modo de produção existente no país, os grandes fazendeiros, sobretudo, paulistas, logo passaram a pressionar o Império para que esse investisse cada vez mais nos incentivos à imigração, direcionando e trazendo, majoritariamente, a força de trabalho para o Estado de São Paulo para as lavouras cafeeiras, que em pouco tempo tornara-se a riqueza do país e colocava a província de São Paulo no mapa do grande capital internacional (Tuon, 2010).

A recente cidade de Ribeirão Preto (1856), seria uma dessas regiões onde o fluxo migratório cresceria, por consequência do solo fértil e apto para o plantio de café. Em detrimento da instalação dos trilhos da Companhia Mogiana (1883), Ribeirão Preto conectava-se diretamente com o porto da cidade de Santos, facilitando, dessa maneira, o

escoamento do café produzido. Ademais, nesses trilhos em que eram exportados para o mundo o grão de café, chegavam, também, milhares de imigrantes italianos (Lages, 2016). Estima-se que durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, a população ribeirão-preтана teve um salto populacional de 12.033 habitantes para 52.910, onde mais da metade, 27.765, eram italianos (Tuon, 2010). A quantidade de italianos que chegavam em Ribeirão Preto seguia os significativos passos da expansão cafeeira, de tal modo que, conforme relatou certa vez o memorialista Rubem Cione (1987), “era mais comum ouvir nas ruas da urbe a língua do poeta Dante Alighieri que a de Luís de Camões”.

POR UMA POSSÍVEL DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE “FASCISMO”

A partir deste momento, buscamos estabelecer uma definição conceitual de fascismo, ancorada na literatura especializada, sobretudo, para orientar a leitura das fontes que encontramos. Por esta lógica, a definição servirá como base para a análise dos jornais de Ribeirão Preto (SP), entre 1935 e 1936. Entre as formulações disponíveis, adotamos a proposta de Robert Paxton por articular dinâmica política, organização e repertórios de ação. De tal modo, segundo o pesquisador em questão:

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (Paxton, 2007, pp.358-359).

À luz das proposições desenvolvidas pelo pesquisador, nos parece ser possível identificar que o fascismo, por sua vez, não se encarrega apenas de se formular enquanto doutrina, mas sim enquanto um

verdadeiro padrão de comportamento político, sobre o qual, geralmente, se constroem os discursos vinculados às noções de “decadência” e mesmo de “vitimização social” que, em casos mais emblemáticos como o italiano, fortaleceram o imaginário coletivo pela “unidade” e “purificação” como promessas de regeneração e reerguimento tanto cultural, social e econômico. De acordo com Paxton (2007), portanto, o potencial do discurso fascista se encontra naquilo em que o autor define como “paixões mobilizadoras”, visto que neste campo o discurso se alia às elites locais tradicionais, se fortalece enquanto poder institucional e, portanto, organiza forças para suprimir as liberdades democráticas, faz uso recorrente da violência militarizada e articula todas as necessidades do Estado ao estabelecimento de “limpeza interna” que suprime tanto os opositores quanto libera os caminhos à expansão de tais práticas.

De fato, é absolutamente importante reconhecer o peso da definição teórica de Paxton quanto à conceituação de fascismo ao longo das análises das quais o autor se empenha. No entanto, nosso estudo, ao menos neste ponto, procura não apenas outras definições, mas sim ampliar a gama de possibilidades definitivas. Para isso, recorreremos à definição proposta por Francisco Carlos Teixeira da Silva (2000) que, por sua vez, opta pela utilização do conceito em questão no plural, conforme explica na citação a seguir:

Denominamos de fascismo, algumas vezes mais corretamente no plural — fascismos —, o conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945. Assim, as expressões nazismo, nacional-socialismo, hitlerismo etc. recobririam uma só realidade política, os regimes de extrema direita que dominaram vários países no período em questão. A denominação genérica fascismo decorre da primazia cronológica do regime italiano, estabelecido no poder em 1922, constituído em movimento político de identidade própria pouco antes, e do fato de ter servido de modelo, com o veremos mais tarde, à maioria dos demais regimes (Silva, 2000, p.109).

Na leitura de Silva (2000), o conceito deve ser interpretado a partir do arcabouço das experiências desta doutrina, isto é, a partir dos movimentos e regimes de extrema direita que se difundem pela Europa entre o início dos anos 1920 e 1945, razão pela qual denominações como nazismo, nacional-socialismo ou hitlerismo seriam variantes de uma mesma realidade política. Essa unificação terminológica não apaga diferenças nacionais; ela se justifica, antes, pela primazia cronológica do caso italiano (no poder desde 1922) e pelo seu papel de modelo irradiador para outras configurações autoritárias. Em nossa leitura, a partir das possibilidades levantadas pelo pesquisador, arriscamos, pois, identificar o Integralismo brasileiro igualmente como expressão clara dessa funesta ideologia que se articula das características anteriormente ressaltadas (Trindade, 2016).

Mobilizamos sequencialmente, algumas das principais contribuições de Nicos Poulantzas, especialmente, para compreendermos de que maneira o autor identifica o conceito de Estado fascista em divergência a outros momentos considerados de “exceção” pelo pesquisador. À guisa de considerações iniciais, é válido mencionar que Poulantzas destaca dois traços úteis para nossas fontes: a mobilização permanente das massas via um partido de massa e as características internas desse partido em relação ao aparelho de Estado e suas possíveis e, bastante problemáticas, cooperações. De acordo com o referido pesquisador:

Seria necessário ver agora o que especifica o Estado fascista, enquanto forma de regime, em relação às outras formas de regime de exceção, bonapartismo, ditaduras militares. Antes de tudo, é evidentemente o “grau” com que ele apresenta as características mencionadas acima, grau que difere segundo os regimes de exceção. Mas são também as formas de funcionamento e de relações dos aparelhos de Estado, aspectos a que nós iremos nos deter aqui. I. A existência, no seio dos aparelhos ideológicos de Estado, de um partido de massa com características particulares. O Estado fascista é caracterizado pela mobilização permanente das massas populares. II. As

relações particulares, seguindo as etapas, do partido fascista e do aparelho repressivo de Estado. Antes de tudo, o fascismo é originalmente, e essencialmente, “exógeno” a esse aparelho. Apesar das convivências entre o partido fascista e os ramos do aparelho de Estado, o instrumento principal da ascensão ao poder é um aparelho exterior ao aparelho repressivo de Estado invadido “de fora”. Essa situação se prolonga durante toda a permanência do fascismo no poder, no sentido de que não há jamais uma fusão entre o partido fascista e o aparelho de Estado. O partido fascista assume sempre um papel próprio (Poulantzas, 2021, p.350).

Tomando a definição proposta por Poulantzas (2021), é viável identificar à leitura de nossas proposições a organização deste “Estado” enquanto um verdadeiro arranjo prático entre a organização das massas e os aparelhos institucionais para o controle ideológico que tanto se pretende nestes casos de exceção. De modo geral, essa definição nos é cara e, conseqüentemente, importa à luz do nosso recorte porque, de certa maneira, nos convida a pensar e articular hipóteses acerca dos chamados canais de mediação (associações, imprensa, autoridades locais, enfim), justamente, por onde a mobilização se alimenta e se traduz em tutela política. No caso de alguns jornais de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, entre 1935 e 1936, essa relação fica em evidência.

Acerca das fontes midiáticas selecionadas à composição das análises deste artigo, é importante ressaltar que entre 1935 e 1936, alguns jornais de Ribeirão Preto operaram como canais de mediação dessa circunstância política, ou seja, alguns destes materiais impressos selecionavam e enquadravam notícias com temáticas vinculadas às questões da “ordem”, “regeneração” e “unidade nacional”, reproduziam telegramas, cartas e notas estrangeiras alinhadas ao regime italiano e valorizavam ritos cívicos e iniciativas corporativas locais. Para todos os efeitos, essa preocupação dos jornais não é resultado do acaso, claro, tais notícias, conversavam diretamente com a forte presença de italianos na cidade, resultado das migrações das décadas anteriores, e

com suas redes de convivência (clubes, associações, paróquias, festas, meios de comunicação).

ALGUMAS EXPRESSÕES DO FASCISMO NO BRASIL

A partir da ascensão do nazifascismo na Europa, tais ideais passaram a ser difundidos em diversos países do mundo e, inclusive, no Brasil, onde tiveram significativos impactos e influências tanto na política quanto na sociedade da época. De tal modo, a partir da década de 1920 se desenvolveram pequenas movimentações e organizações políticas concernentes à ideologia fascista. À exemplo, no ano de 1932, o jornalista e político conservador Plínio Salgado deu origem à Ação Integralista Brasileira (AIB), sendo tal movimento, com claras influências do fascismo europeu, o mais expressivo no Brasil à época, cujas estimativas apontam para uma base de adeptos entre 100 mil e 200 mil pessoas até seu auge em 1937 (Fausto, 2006).

Ao que compete a Ação Integralista de Plínio Salgado, de acordo com Dulce Chaves Pandolfi:

“[...] inspirada no fascismo italiano, possuía uma estrutura organizacional paramilitar. Pautava-se por um nacionalismo e um moralismo extremados, o que a fez ter muitos adeptos entre militares e católicos. [...] A preocupação de mobilizar amplamente a população levava-a a realizar encontros, festas, palestras e manifestações de rua, durante os quais entrava em choque aberto com os comunistas. Os integralistas usavam um uniforme que os tornou conhecidos como os ‘camisas-verdes’ e adotavam também um símbolo – o sigma – e um gesto de saudação, acompanhado de uma espécie de brado de guerra de inspiração indígena: ‘anauê!’ De início, a AIB dava sustentação política ao governo de Vargas, sobretudo na luta contra o comunismo” (Pandolfi, 2023, p. 27).

Todavia, além da Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado, para melhor compreendermos a própria materialização do fascismo italiano no Brasil, e em nosso caso, seus desdobramentos na cidade de

Ribeirão Preto, demonstra-se imperioso ressaltar o empenho e interesse realizado pelo regime de Mussolini na difusão de sua ideologia no exterior.

No que tange a propaganda fascista em território brasileiro, podemos encontrar sua gênese ainda nos idos da década de 1920. Esse primeiro momento da propaganda é caracterizado pelo desinteresse do governo italiano na difusão de suas obras e doutrinas aos brasileiros propriamente ditos, sendo destinada quase exclusivamente para os italianos que nunca tiveram contato e/ou estiveram na Itália (principalmente aos descendentes de italianos). Bertonha (1998) ainda assevera que esse desinteresse inicial refletiu em uma estrutura propagandística limitada e, até mesmo, pouco eficiente, possuindo nessa primeira fase um caráter de difusão propriamente pautada em aspectos da “cultura fascista”, sendo canalizada, principalmente, na distribuição de livros, organização de conferências e, até mesmo, pontuais financiamentos de jornalistas brasileiros para a Itália.

Na década posterior, a propagação do regime fascista passou a ser realizada com maior concretude no exterior, firmando-se com uma “[...] verdadeira máquina de divulgação da cultura italiana e da cultura fascista dentro e fora da Itália” (Bertonha, 1998). Tal empenho tornou-se possível a partir da consolidação e fortalecimento do próprio regime de Mussolini, onde o aparato de propaganda tornou-se mais sofisticado e eficiente, de tal modo que passou a ser destinado para além da comunidade italiana no exterior:

[...] Ao lado da potencialização dos métodos já conhecidos de conferências, distribuição de livros e publicações, etc, o governo italiano começou a enviar grandes quantidades de artigos, fotos e material de propaganda para serem distribuídos para um bom número de jornais em todo o Brasil e há até algumas tímidas tentativas de colocar filmes italianos (como “Camicia Nera”) em circuito comercial no Brasil. [...] Aparentemente, até o início dos anos 30, o público central dessas exibições eram os italianos e filhos de italianos [...] Já em 1933, porém, a *Direzione Generale degli italiani all'estero* começou a autorizar uma presença maior dos estrangeiros nas exibições (Bertonha, 1998, p. 257).

O aparato de propaganda fascista, em especial, materializado por meio da imprensa, concebeu esforços significativos para garantir um alinhamento político favorável e reforçar os ideais que o regime visava perpetuar no exterior. Ao que compete à imprensa fascista no exterior, Teresa Malatian (2015) pontua sobre sua utilização para garantir tais interesses:

Constitui fato incontestado a afirmação de que o regime fascista atribuiu grande papel à propaganda, e nela a imprensa desempenhou papel destacado. Mussolini fora jornalista antes de subir ao poder e “conhecia o peso da arma jornalística nas mãos de quem soubesse modelar o sentimento público”. Acompanhava atentamente a imprensa regional, nacional e estrangeira, controlando de perto sua publicação na Itália. [...] Desde 1931, com o fortalecimento do regime, o gabinete de imprensa da presidência do Grande Conselho passou a atuar como “órgão de propaganda da italianidade e do regime”, a difundir entre a população as palavras de ordem e a “censurar toda informação suscetível de causar prejuízo à imagem positiva do fascismo e de seu Capo” (Malatian, 2015, p. 200).

Para além do papel da imprensa mencionada por Malatian (2015), Bertonha (1998) enfatiza outro aspecto importante que auxiliou nesse processo de difusão fascista: as relações diplomáticas entre Brasil-Itália. A rede diplomática italiana, seja por meio de consulados e/ou órgãos político-governamentais das relações exteriores, auxiliaram tanto nos serviços de organização coletiva da vida dos italianos no exterior quanto na manutenção e difusão da própria ideologia fascista em território brasileiro, tornando-se verdadeiros instrumentos de propaganda e ação política. De tal maneira, no interior do estado, até a segunda metade da década de 1930, existia um consulado na cidade de São Paulo e outros quatro vice-consulados no interior do estado, respectivamente: Campinas, Bauru, Santos e Ribeirão Preto.

OS REFLEXOS DO FASCISMO NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO-SP

Inicialmente, é válido ressaltar que a mencionada conjuntura de agitações extremistas e, propriamente, de difusão dos ideais fascistas, encontraram espaço para candentes reverberações e efusivas manifestações na cidade de Ribeirão Preto durante a década de 1930. De tal modo, é possível encontrar, tanto em jornais ribeirão-pretanos entre os anos de 1935 e 1936 quanto a partir de outros recursos, distintas materializações e manifestações concernentes ao fascismo italiano na cidade. À luz dos estudos mencionados, sustentamos que a possibilidade de abertura para a circulação de tais expressões na cidade de Ribeirão Preto, refere-se a própria herança histórica da imigração italiana na cidade, haja vista o próprio intuito do regime de Mussolini na difusão de sua ideologia para os italianos no exterior, principalmente para aqueles que nunca tiveram contato com a Itália.

Conforme indicam Yuri Araujo Carvalho e Rodrigo de Andrade Calsani (2024), é possível encontrar múltiplas expressões concernentes ao fascismo em jornais ribeirão-pretanos entre os anos de 1935 e 1936, os quais eram materializados em artigos, notícias e anúncios que versavam, em sua maioria, sobre: o enaltecimento de líderes nazifascistas, como Mussolini e Hitler; divulgação de manifestações fascistas na cidade de Ribeirão Preto; elogios aos principais teóricos do fascismo; realizações econômicas do regime; desdobramentos da invasão imperialista da Itália na Etiópia (1935-1936). Além do referido material jornalístico, conforme já indicado por Bertonha (1998), a rede diplomática desempenharia um papel significativo na difusão e perpetuação dos ideais fascistas, seja por meio de políticas sociais, organizações de eventos, patrocínios e/ou desenvolvimentos de atividades destinada à comunidade italiana.

Pudemos mapear tal atuação diplomática a partir do jornal citadino “Diário da Manhã”, por meio do qual eram anunciadas as atividades e organizações desenvolvidas pelo vice-consulado. Essas

atividades eram divulgadas por meio de boletins consulares semanais, intitulados "*Bollettino Settimanale Italiano*" (Boletim Semanal Italiano, em nossa tradução). Tais documentos (produzidos em italiano) anunciavam tanto as atividades consulares à comunidade italiana residente na cidade quanto também atividades diversas, que em sua maioria eram patrocinadas pelo serviço diplomático, tais como: peças teatrais; exposições fílmicas; atividades culturais e distribuição de livros. De tal modo, podemos encontrar tais anúncios a partir do boletim semanal publicado no dia 23 de fevereiro de 1935:

Opera Nacional Dopolavoro - Seção Cinematográfica.

Domingo, dia 24, às 14 horas: "Na hora do perigo" e "Conquistas e Escândalos". Às 20 horas do referido dia "Uma alma livre" com Norma Sheare. Quinta-feira, 28: "Não matara's" com Philips Holmes, Nancy Carrol e Leonel Barrymore.

Fascio "Rosário Papa".

A todos aqueles que desejam ler livros italianos, mesmo que não estejam inscritos no Fascio, informamos que o escritório permanece aberto todas as noites das 19,30 às 20,30 (*Bollettino...*, 1935, tradução nossa).

Neste documento, evidenciam-se dois aspectos importantes no que concerne a difusão do fascismo e para com a organização da vida dos italianos no exterior durante o regime de Mussolini: a existência de atividades recreativas e culturais promovidas pela "*Opera Nazionale Dopolavoro*" e uma seção do "*Fascio*" na cidade de Ribeirão Preto.

A "*Opera Nazionale Dopolavoro*" diz respeito a um instrumento de política e assistência social aos italianos, fundado em 1925 pelo regime fascista. Parece-nos bastante crível que tal projeto foi desenvolvido para afastar os operários italianos de ambientes nocivos, como tavernas, casas de jogo e prostituição e, também, círculos políticos, principalmente os de cunho socialista. Logo cedo, o governo fascista percebeu a possibilidade de exercer influência no exterior a partir da *Opera Nazionale*, onde

existiam, em 1937, 224 seções, que subiram para 332 espalhadas fora da Itália já em 1939 (Bertonha, 1998). Ao que compete sua atuação exclusivamente no cenário brasileiro:

[...] o objetivo chave dos Dopolavoro no Brasil era impedir a absorção completa dos italianos na sociedade brasileira, de forma que estes pudessem servir para a promoção dos interesses italianos no país. Nesse esforço, as atividades dos Dopolavoro se centraram na assistência social e na difusão do esporte e da cultura [...] (Bertonha, 1998, p. 94).

Quanto ao “*Fascio Papa Rosário*” mencionado no boletim, pudemos compreender que este fazia parte de uma das centenas seções do “*Partito Nazionale Fascista*” (Partido Nacional Fascista, em nossa tradução) existentes no exterior. Os “*Fasci all'estero*” (no exterior), eram redes do próprio Partido Fascista italiano que atuavam fora das fronteiras do país, cujos principais objetivos podem se relacionar aos interesses políticos e econômicos italianos; a própria preservação da dita “italianidade” e, claro, na difusão e consolidação do fascismo fora da Itália. Ainda de acordo com Bertonha:

O esforço fascista nesse sentido foi imenso em todo o ventênio fascista, com a rede de *fasci all'estero* se expandindo notavelmente, em termos quantitativos pelo mundo (e, especialmente na Europa e América) no período considerado e atingindo um universo máximo de algumas centenas de seções e de cerca de cem a duzentos mil filiados no fim dos anos 30 (Bertonha, 1998, p. 28).

Além dos anúncios das referidas políticas sociais e culturais difundidas pela “*Opera Nazionale Dopolavoro*” e as próprias atividades da seção de Ribeirão Preto do Partido Nacional Fascista, o “*Fascio Papa Rosário*”, pudemos mapear outras atividades patrocinadas e/ou que contaram com a participação do vice-consulado italiano. A exemplo, no dia 18 de janeiro, foi realizada uma cerimônia “solene” na “Sociedade Dante Alighieri”, para realizar a entrega das “alianças de ferro aos

italianos que deram as de ouro para o bem da pátria" (Ouro..., 1936). Tal comemoração foi realizada para condecorar os "suditos italianos" que deram suas "alianças" de ouro com intuito de auxiliar a Itália contra as sanções que foram aplicadas pela Liga das Nações, em detrimento da agressão realizada pelo regime fascista na Etiópia (Ouro..., 1936). De acordo com a publicação realizada pelo "Diário da Manhã" no dia posterior (19 de janeiro), a abertura da cerimônia aconteceu aos cantos da "Giovinezza", o hino fascista italiano. Após o hino, as alianças de ferro teriam sido benzidas por D. Felippo da Ordem dos Olivetanos, sendo posteriormente entregues para "áquelles que deram as de ouro pelo bem da pátria" por Alexandre Tundisi, vice-cônsul da Itália em Ribeirão Preto (Ouro..., 1936).

Além do gesto "simbólico" supracitado, o vice-cônsul Alexandre Tundisi realizou outra "gentileza" à comunidade local. À exemplo, no dia 7 de fevereiro, o jornal "Diário da Manhã" agradecia em suas páginas a "gentileza" realizada por Tundisi, que havia concedido dois livros para o jornal (Livros..., 1936). Os dois livros doados, intitulados "A Itália e a Abyssinia" e "O que Genebra não quer ver", de acordo com o matutino, estavam "pelejados" por gravuras que apresentavam o "modo insophismavel" e o "espírito barbaro" que ainda domina os povos da Abyssinia" (Livros..., 1936).

Tais atividades mencionadas dialogam essencialmente com conflito deflagrado contra a Etiópia, o qual pode ser lido como um momento chave para as demonstrações de força e organização que o regime almejava difundir para a população italiana no exterior (Bertonha, 1998). Em nossas considerações, pudemos perceber que a atuação do vice-consulado citadino, nesse sentido, visava demonstrar e perpetuar a imagem da Itália fascista de Mussolini enquanto uma nação "disciplinada", "civilizada" e, sobretudo, "poderosa" frente às demais potências mundiais, principalmente em relação ao povo etíope

(Giardina, 2008). Sendo assim, para uma melhor compreensão da difusão fascista em Ribeirão Preto sobre o mencionado conflito, é importante abrir um breve parêntese para discutir os efeitos da própria “Guerra da Etiópia”, onde almejamos realizar análises adjacentes de seus desdobramentos e impactos na cidade de Ribeirão Preto a partir do material jornalístico veiculado pelo jornal local “Diário da Manhã”, consubstanciados nos artigos de opinião escritos (em italiano) por Serafim Carbone.

DESDOBRAMENTOS DA SEGUNDA GUERRA ÍTALO-ETÍOPE (1935-1936)

A campanha italiana na chamada Segunda Guerra Ítalo-Etíope ao longo dos anos de 1935 e 1936 nos permite analisar um cenário de avanço do imperialismo e, conseqüentemente, do autoritarismo da Itália Fascista no contexto imediatamente anterior aos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial. Em nossa leitura dos eventos que marcam esse embate, para todos os efeitos, a ofensiva italiana sobre a Etiópia parece verdadeiramente uma tentativa de Benito Mussolini de restaurar uma glória imperial anterior, sobretudo, ao transformar o passado romano em mito político legitimador de sua política externa agressiva (Marques, 2008; Pimenta, 2016).

É válido mencionar que no final do século XIX, em um contexto de organização e primeira expansão das nações europeias industriais para a África e Ásia, a Etiópia, havia triunfado sobre a Itália em Adwa, em 1896. Novamente, na primeira metade do século XX, enfrentou a invasão com recursos limitados, mas com expressiva mobilização nacional e apelo à solidariedade internacional. Neste segundo embate, a brutalidade das forças fascistas, incluindo o uso de armas químicas, deixou marcas profundas na memória etíope e nas críticas anticoloniais e posicionamentos favoráveis aos postulados fascistas em diversos países (Gomes, 2018).

No Brasil, esses efeitos chegaram por redes diplomáticas e culturais já em operação: consulados e vice-consulados que intensificaram agendas cívico-culturais, remessas de textos, fotografias e notas de agência, assim como buscaram ampliar o público para além do meio ítalo-brasileiro. O governo fascista atribuía papel estratégico ao jornalismo, tanto para modelar o sentimento público quanto para filtrar informações “desfavoráveis”. No interior paulista, isso se traduziu em boletins consulares, anúncios de eventos e material de propaganda que circulavam em periódicos reconhecidos.

Ao longo do período em que se desdobra a Segunda Guerra Ítalo-Etíope, jornais de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em especial, edições do “Diário da Manhã”, veicularam notícias e que, em suma, indicavam certa simpatia pelo regime fascista italiano e por sua política expansionista nos espaços africanos. Nas edições que tivemos acesso não foi difícil encontrar textos que difundiam uma visão absolutamente favorável à invasão da Etiópia, quase sempre exaltando a figura de Benito Mussolini como símbolo de modernidade, ordem e renascimento nacional. Essa conjuntura internacional e, sobretudo, o espaço destinado pelo periódico, nos leva a crer como o fascismo, mesmo fora da Europa, encontrou legitimação em setores da imprensa brasileira, especialmente em regiões com forte presença de descendentes italianos, como Ribeirão Preto (Silva; Carvalho, 2025).

Em 14 de julho de 1935 em uma seção de nome “Crônica Italiana” que servia como informativo à comunidade ítalo-brasileira acerca dos desdobramentos internacionais que interessavam ao governo de Mussolini e aos italianos fora da Itália, o jornal “Diário da Manhã” destinava um espaço para tais informes à população local. De modo geral, em suas páginas, o conflito na África era apresentado não como uma agressão colonial, mas como uma “missão civilizatória” e um direito histórico da Itália moderna, interpretada como herdeira legítima da

Roma Antiga. O trecho a seguir exemplifica essa postura, expressando o tom heroico e a retórica emocional que marcaram a propaganda fascista na imprensa do interior paulista:

A Itália testemunha várias vezes os ultrajes infligidos aos seus súditos na Eritreia pelos bárbaros abissínios e ordena ao Negus que faça as pazes. O Negus nega e o Duce prossegue imediatamente com os preparativos armados contra a Abissínia [...] O impassível Duce continua a enviar tropas de combate para a África. A Inglaterra envia o Ministro Édén a Roma, que expõe, propõe e regressa a Londres de mãos vazias. Neste ponto o Duce intensifica os seus preparativos de guerra. A Inglaterra, sempre com seu nariz de grifo, tenta boicotar a Itália entre outras nações e então o Duce dá um caráter febril à preparação armada e o grito romano irrompe alto de seu peito: Trata-se de tornar a Itália grande. Nenhuma violência, nenhuma fraude poderá tirar-nos esta vitória feita de vontade, feita de fogo íntimo, feita de todas as mais belas e profundas forças humanas. Viva a Itália hoje! Viva a bandeira gloriosa da Itália que se desdobra no sopro da justiça, se expande no vento da liberdade, se ilumina na promessa do futuro (Diário da Manhã, 14.jul, 1935, tradução nossa).

A publicação, em nossas considerações, de certa maneira evidencia como a imprensa ribeirãopretana se tornou veículo ativo de difusão ideológica, sobretudo, ao adaptar o imaginário imperial europeu a um contexto regional que via, na Itália fascista, um símbolo de ordem, disciplina e renascimento nacional, como se vê na mesma publicação do referido jornal a maneira como Serafim Carbone remete ao passado italiano como forma de justificação do expansionismo fascista para outros espaços do globo: “Segundo as belas doutrinas do passado, sempre tivemos que ser o espelho dos grandes ideais e da civilização iluminada” (Diário da Manhã, 14.jul, 1935, tradução nossa).

O mesmo tom aparece em textos publicados na seção em 21 de julho do mesmo ano, no qual Carbone apontava que “através da inteligência retilínea deste digno filho de Dante, a marcha do progresso seguiu um rumo que prenuncia a assunção da estrela da Itália como estrela guia das nações europeias num futuro próximo” (Diário da Manhã, 21.jul, 1935, tradução nossa).

Já em 28 de julho de 1935, a exemplo, o jornal “Diário da Manhã”, publicava um texto intitulado “A sorte está lançada”, também sob autoria de Carbone. Em seu texto, como se observa a seguir, é notável aos adeptos do fascismo italiano que o domínio europeu sobre a África era apresentado como destino natural e moralmente justo:

A Abissínia, inflada pela Inglaterra com nariz de grifo, persiste em não reconhecer os direitos da Itália ofendida; bem, que a solução da disputa seja colocada de volta nas armas. A necessidade da guerra é cruel, mas a tarefa que a nossa pátria está prestes a cumprir na presença da humanidade é elevada e nobre. Corações italianos em alta. A vitória só pode chegar até nós. Devemos ter fé e confiança na poderosa inteligência do homem que governa o destino do país. “A Itália deve fazer o seu grande esforço, e então terá o seu grande lugar no mundo”, disse Benito Mussolini, e neste conceito maravilhoso para quem observa com atenção, está toda a coragem da alma de um grande profeta. Hoje aquela Itália, toda a Itália, unida num único tremor de amor e de ação, armada, temida e forte como tu o fizeste e como Maquiavel o cantou; olha com olhos de águia, numa visão de justiça elevada; pode fazer uma celebração digna de sua ascensão ao Poder, ó Duce, e contar a você assim como a todos os grandes que o amam; Pai, eu te exalto e te sigo (Diário da Manhã, 28.jul, 1935, tradução nossa).

Em nossa análise, o texto emprega recursos de mobilização emocional muito estrategicamente construídos, especialmente, pela invocação do “Pai”, a figura quase divina de Mussolini e o tom profético atribuído ao “Duce” para transformar a violência colonial em ato redentor. De acordo com Yuri Araujo Carvalho e Rodrigo de Andrade Calsani (2024) em Ribeirão Preto, entre 1935 e 1936, todo o arcabouço militar e político dessa conjuntura repercutiu diretamente nas páginas locais. Telegramas sobre o *front* africano, editoriais enaltecendo Mussolini e notas sobre ritos cívicos e exposições culturais compuseram textos autorais publicados no “Diário da Manhã”; ao mesmo tempo, a presença de uma comunidade ítalo-brasileira numerosa forneceu redes de sociabilidade (clubes, associações, paróquias, imprensa em italiano)

capazes de amplificar e estabilizar tais mensagens que reforçam o impacto do fascismo mesmo fora da Itália.

Nos chama a atenção também a grande mobilização dos textos ao despertar “patriótico” de todos os grupos sociais, inclusive de jovens e idosos nos momentos de expansão do regime fascista. O trecho a seguir indica de modo eloquente como o engajamento de jovens e veteranos italianos foi retratado como símbolo da união espiritual e moral da nação diante do ideal de grandeza proposto por Mussolini.

A corrida às armas de rapazes de apenas dezesseis anos, chorando porque os inexoráveis estatutos militares lhes negam o desejo de sacrifício, e de veteranos de veneráveis cabelos grisalhos, gloriosos sobreviventes das conspirações e campanhas do *Risorgimento*; este encontro, à sombra do tricolor, dos nossos precursores e dos nossos herdeiros, dos jovens a quem ainda nada se pede, e dos mais velhos, que já fizeram mais do que a sua parte, com os soldados das gerações adultas, é como se o passado e o futuro estivessem associados ao presente, para melhor propiciar a fortuna ao empreendimento sagrado e justo, para significar a unidade indissolúvel da pátria no tempo como no espaço, a continuidade da sua missão civilizadora; e é este facto, que a história registra apenas naqueles dias prodigiosos, que a poesia luta para se tornar objecto de uma epopeia (Diário da Manhã, 28.jul, 1935, tradução nossa).

Dessa vez, o texto de Carbone aponta, sob uma retórica fortemente emotiva, o quanto a guerra foi apresentada à sociedade como um gesto de devoção à pátria e de comunhão entre gerações. A imagem de jovens de dezesseis anos “chorando por não poderem combater”, ao lado de veteranos envelhecidos que voltam a vestir o uniforme, busca despertar um certo orgulho nacional (tão importante à manutenção política do regime fascista), transformando o sofrimento e o medo em virtudes patrióticas que poderiam ser lidas mesmo por aqueles que não mais estavam na Itália no momento da guerra.

A CARTA DOS “LEGIONÁRIOS RIBEIRÃO-PRETANOS”: TRAJETÓRIAS DE GIORGIO MIRA E ASPIRAÇÕES DE ROMANO MORANDI

Tendo em vista a veiculação da mídia ribeirãopretana sobre o mencionado conflito, analisaremos um episódio de certa forma singular: a participação de dois combatentes fornecidos pela comunidade italiana de Ribeirão Preto que integraram as fileiras do regime fascista na guerra deflagrada contra a Etiópia. Diligenciaremos nossos olhares, portanto, ao episódio a partir de um relato contido em uma carta escrita por um dos combatentes, acerca da qual é nosso objetivo analisar os interesses, aspirações e crenças que, de certa maneira, inspiraram os “legionários ribeirão-pretanos” a deixarem a cidade para combaterem na Etiópia “sob a sombra da águia romana” de Mussolini.

Foi divulgado, “pelo muito que de expressivo, que de alcandorado amor da Patria nella existe”, em 26 de janeiro de 1936 pelo jornal “Diário da Manhã”, o qual relatou o enorme “prazer de oferecer aos seus leitores”, seja para os da “valorosa Itália” ou para “todos os latinos”, uma carta (escrita em italiano) que - de acordo com o jornal - “bem de perto fala á alma italiana e a toda a latinidade” (O caçula..., 1936, tradução nossa). Destinada para o Sr. Romolo Morandi, a carta, escrita pelo Sr. Giorgio Mira, um voluntário que partiu de Ribeirão Preto para a África com intenções de “ingressar nas hostes do ‘Duce’” italiano no conflito deflagrado contra a Etiópia, apresenta tanto os caminhos trilhados pelo Sr. Mira quanto às aspirações e desejos do filho do Sr. Morandi, o jovem “caçula do exército italiano”, Romano Morandi, que, assim como o Sr. Mira, deixou a cidade para seguir “patrioticamente para as linhas de frente” do exército de Mussolini (O Caçula, 1936, tradução nossa).

O Sr. Mira começa a redigir para o Sr. Romolo em 19 de dezembro de 1935, à bordo do “*Princ. Giovanna*”, relatando inicialmente à Romolo seus primeiros destinos, encontros e experiências vividas desde de sua

partida da cidade de Ribeirão Preto até, finalmente, encontrar-se com o jovem Romano Morandi:

Quando você receber esta mensagem, já terá se passado quase dois meses desde que saí de Ribeirão, e durante esse tempo, que para você pode ter parecido muito tempo, você pode até ter pensado que eu tinha me esquecido de todos vocês. Se você pensou isso, garanto desde já que estava enganado, e para provar isso, vou lhe dar um breve relato da minha viagem. Como você sabe, saímos de São Paulo de carro, justamente para implementar as contra-sanções decretadas pela comunidade. Em Santos, embarcamos ao som do *Augustus* e aos aplausos da multidão reunida no cais. No Rio, fomos recebidos pelo Embaixador Cantalupo e, em seguida, seguimos viagem diretamente para Gênova, pois não conseguimos atracar em Barcelona devido ao mar um tanto agitado [...] (O caçula..., 1936, tradução nossa).

Ao som do *Augustus* e os aplausos da multidão, o Sr. Mira seguiu seu destino para a cidade do Rio de Janeiro, sendo recepcionado por Roberto Cantalupo, então embaixador da Itália no Brasil à época. Da antiga capital, seguiu para a Itália, onde, em Gênova, reencontrou-se com seus irmãos, e, finalmente, teve seu encontro com o jovem Morandi, na cidade de Littoria, onde realizara o treinamento necessário para receber as primeiras armas e o uniforme do exército. De Littoria direcionou-se para Sparanise, próximo à comuna de Cápua, onde reencontrou-se novamente com o jovem Romano Morandi (O caçula..., 1936, tradução nossa). Deste encontro, o Sr. Mira confia para os pais de Romano a então situação do jovem:

Caro Romolo e gentil Sra. Natalina, quero dizer-lhes desde já que, se ainda se perguntam se fizeram bem ou mal em consentir a partida de Romano, bastaria vê-lo por um instante, como me apareceu de repente numa taverna em Sparanise, para se orgulharem de terem permitido que seu filho se transformasse no belo Legionário que é. E digo Legionário porque Romano teve o cuidado de não tocar tambor nem de se esconder na casa de Sua Excelência Partini, como lhes fora proposto, mas sim de se tornar um guerreiro (O caçula..., 1936).

A respeito do jovem Romano Morandi, o Sr. Mira descreve-o como um corajoso e belo legionário, que se recusou a ficar escondido em casa enquanto a “Itália mais precisava”, optando por tornar-se um verdadeiro “guerreiro”. O aspecto do jovem Morandi era de ótima saúde física, “tão branco e vermelho como se sempre tivesse vivido na Itália” (O caçula..., 1936, tradução nossa). O relato ímpar de Mira continua com as aspirações do “jovem legionário”:

Nem preciso dizer que ele está entusiasmado com a vida militar e espera realizar seu sonho depois da guerra na África, que é, como você sabe, se tornar aviador. Atualmente, ele faz parte da companhia de comando do meu batalhão e é despachante, mas diz que quer lutar e se juntará à minha companhia quando chegar a hora. É claro que na Itália o deixamos livre para fazer o que quisesse, mas, para ser sincero, ele queria e merecia ser tratado como todos os outros soldados. Até agora, você só precisa se orgulhar dele, e não deve se preocupar com ele. Ele não quis os cinquenta mil réis que você me deu por ele, porque diz que, se precisar de alguma coisa, basta abrir a boca para o primeiro funcionário que encontrar para ficar imediatamente satisfeito. (O caçula..., 1936, tradução nossa).

O Sr. Mira continua sua “crônica” asseverando para a mãe de Morandi que “chega de tarefas” para o jovem, relatando que os dois dias subsequentes de sua chegada à Sparanise, ambos se debruçaram em organizar a troca dos uniformes de cor cinza-esverdeados pelos cáquis da África (O caçula... 1936, tradução nossa). No interregno desses dias, o Sr. Mira relata que o seu pelotão passou por um “experimento”: os soldados foram avaliados por “Sua Majestade o Rei, o Príncipe Herdeiro e muitas outras pessoas do alto escalão” (O caçula..., 1936, tradução nossa), conforme relata à Sra. Natalina:

Nessa ocasião, meu pelotão e eu desfilamos juntos diante de Sua Majestade, e garanto que, considerando que éramos tropas bastante improvisadas, acho que causamos uma boa impressão. No dia seguinte à Revista, embarcamos para Nápoles e, no dia seguinte, 15 de dezembro, embarcamos novamente no Principessa Giovanna, com destino a Mogadíscio. Como você pode ver, em apenas 10 dias fomos do

Augustus ao Principessa, transformados quase instantaneamente de civis de todo o mundo (comigo, há até três da Rússia) em legionários. Acho que agora você entenderá por que não lhe escrevi antes, e acreditará se eu disser que foi por falta de tempo. Você, caro Romolo, era um soldado, então é fácil para você imaginar que certamente não poderíamos estar em paz o suficiente para nos organizarmos em tão pouco tempo (O caçula..., 1936, tradução nossa).

O Sr. Mira termina seu relato anunciando que a carta seria enviada em Port Said, no Egito, quando os “legionários ribeirão-pretanos” chegassem à cidade. Ainda anuncia prometendo que no futuro sua correspondência com os pais de Romano seria mais regular. As últimas linhas da carta são reservadas para Romano Morandi, “um pouco de espaço” para que o “caçula do exército italiano” escrevesse diretamente à sua família:

Peço, portanto, que envie meus cumprimentos a todos os meus amigos e conhecidos, para informar Matteo de que a bandeira que ele me deu em nome dos combatentes será hasteada na Abissínia, que se tornará italiana, e às senhoras do Comitê Feminino que tão gentilmente quiseram me oferecer uma medalha de ouro. Hoje, um mês após o decreto dos “anciões”, achei justo oferecer a mesma medalha à Pátria, para que ela dure apenas mais um segundo. Um caloroso abraço para você e respeitosa saudações à Sra. Natalina de Giorgio Mira, CC. N, N. - Div. Tevere - 321 Legiões 521 Batalhão - 4. Companhia - África Oriental - Itália. Espero que todos vocês desfrutem da maior saúde e felicidade. Encontrei meu querido amigo Giorgio e estamos viajando para a África juntos. Estou muito feliz em saber que vocês estão bem e tenho o prazer de dizer o mesmo sobre mim. Com grandes beijos, Romano (O caçula..., 1936, tradução nossa).

Considerando os conteúdos do documento analisado, é válido ressaltar que a presença de estrangeiros nas Forças Armadas de outros países é algo relativamente comum, sendo empreendida por motivos e aspirações semelhantes, como por exemplo o compartilhamento de uma identidade nacional em comum, questões políticas e/ou religiosas (Bertonha, 2023). Ao que compete a participação de estrangeiros na Guerra da Etiópia, cumpre salientar que existiu, por parte do regime

fascista, a intenção de criar uma “Legião Estrangeira” para combater ao lado do exército italiano contra os etíopes. Todavia, tal projeto, conforme indicam os estudos de Bertonha (2011), não foi levado adiante, por razões do posicionamento do próprio governo fascista, que optou por não custear os gastos políticos e, sobretudo, militares para a criação de uma “Legião Estrangeira Italiana”, evitando, também, possíveis problemas com os governos estrangeiros.

Ademais, conforme já mencionado, a Guerra da Etiópia carregava em si um caráter estritamente de “renovação nacional” e de certa “vingança” por parte do governo italiano, haja vista a derrota para os etíopes em 1896. De tal maneira, o conflito deveria ser vencido por italianos e não por uma “legião de fascistas” estrangeiros (Bertonha, 2011). De modo a comprovar tal anseio, o governo fascista formou uma força de 4 mil cidadãos italianos residentes no exterior para combaterem no conflito, chamada de “*Legione Parini dei fasci all'estero*”, que efetivamente lutaram ao lado do exército italiano (Bertonha, 2011).

Outro aspecto pertinente que podemos compreender a partir da carta diz respeito à cooptação e integração dos jovens para com os valores fascistas e os anseios do próprio regime. De acordo com Wilson Ribeiro Lins e Fernando Alberto Torres Moreira (2021), o governo de Mussolini não hesitou em adotar práticas para que os valores fascistas chegassem até os jovens. A cooptação dessa juventude, sobretudo canalizada aos meninos, referia-se na internalização do conceito de família e, essencialmente, a educação militar para compor as forças armadas e as necessidades do partido, sendo realizada por meio da escola enquanto um aparelho de disseminação ideológica e de propagandas do próprio regime para conquistar adeptos.

Sob esse prisma, cumpre salientar que, em nossos estudos, não pudemos traçar uma possível relação do Sr. Giorgio Mira e do jovem Romano Morandi com a força militar intitulada “*Legione Parini*”. Todavia,

podemos ler e compreender a participação dos “legionários ribeirão-pretanos” enquanto uma possível cooptação dos jovens e uma internacionalização do conflito por parte do regime fascista, o qual demonstra um certo “internacionalismo do fascismo” conforme os anseios postulados pelo próprio governo (Bertonha, 2011).

Esse aspecto se mostra como um ponto interessante para nossa análise, pois, nesse sentido, podemos compreender uma certa estrutura fascista na cidade de Ribeirão Preto que, supomos, viabilizou um certo sentimento de pertencimento de ambos os voluntários a integrarem nas hostes do exército de Mussolini. As aspirações do jovem Romano Morandi, o “entusiasmo militar”, conforme descrito por Giorgio Mira, enquadram-se, sumariamente, nos anseios de sacrifícios patrióticos e, até mesmo, idílicos, haja vista o desejo do jovem de se tornar um “legionário”, rememorando os soldados do antigo império romano. Esse anseio de pertencimento e aspirações militares pode ser lido sob a difusão do mito de Roma empreendido pelo regime fascista, que visava “agir na consciência do povo italiano de modo quase instintivo” (Giardina, 2008, p. 63), valendo-se da utilização de símbolos, gestos e ritos, buscando conchavar supostos valores milenares do antigo Império Romano para com o fascismo, ligando o passado ao presente/futuro, de modo que o fascismo tende-se à eternidade, conforme anunciava Mussolini em seus discursos:

[...] celebrar o nosso tipo de civilização, significa exaltar a nossa história e a nossa raça, significa apoiar-se firmemente no passado para se projetar melhor no futuro. Roma e a Itália são dois termos inseparáveis [...] A Roma que honramos não é certamente a Roma dos monumentos e das ruínas, a Roma das ruínas gloriosas entre as quais nenhum homem civil circula sem sentir um frêmito de veneração trepidante [...] A Roma que honramos, mas principalmente a Roma que desejamos e preparamos é uma outra: não se trata de pedras insígnias, mas de almas vivas: não é contemplação nostálgica do passado, mas preparação dura do futuro. Roma é o nosso ponto de partida e de referência; é o nosso símbolo, ou, se quisermos, o nosso mito. Sonhamos a Itália romana, ou seja, sábia e forte,

disciplinada e imperial. Muito do que foi o espírito imortal de Roma renasce no fascismo [...] (Mussolini, 1956, v.XVIII, p. 160).

Destarte, o uso da “romanidade” por parte dos fascistas - difundido a partir dos meios de comunicação de massa em dimensões planetárias suscitou o interesse e entusiasmo não somente da população italiana, mas também, alcançou os anseios da opinião pública estrangeira (Giardina, 2008). De tal modo, sob esse prisma, em nossa análise, sustentamos que as trajetórias do Sr. Giorgio Mira e os vigorosos anseios do jovem Romano Morandi, seja em tornar-se um legionário para hastear a bandeira da Itália na Abissínia ou, até mesmo, nos “sacrifícios” empreendidos pela nação, simplesmente “para que ela dure apenas mais um segundo” (O caçula... 1936, tradução nossa), conforme mencionado pelo jovem, acreditamos ser claros reflexos, *tout court*, tanto da dimensão da transmissão dos mencionados valores quanto da importância do conflito Ítalo-Etíope, que demonstra a cristalização e perpetuação dos ideais fascistas no imaginário das massas e sua amplitude de caráter internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de considerações finais, acreditamos ser pertinente apontar que nossas análises indicaram que as fontes identificadas cumpriram um papel bastante claro para nossas compreensões acerca das formas como a comunidade italiana em Ribeirão Preto se informava, se organizava e, sobretudo, elaborava sentidos de pertença em uma relação bastante dicotômica entre o Brasil e a Itália, sobretudo, se considerarmos questões políticas. De certa maneira, a materialidade dessas fontes (seções fixas, telegramas, anúncios de filmes, convocações, boletins, cartas e outros informes), nos permite rastrear públicos, alcances e efeitos de circulação de ideias, mostrando a imprensa não apenas como espelho, mas como operador ativo de

formas específicas de integração, em especial, considerando os impactos da propaganda fascista do governo de Benito Mussolini.

Por fim, sustentamos que os jornais e impressos examinados não apenas espelharam, mas verdadeiramente operaram posicionamentos claros de apoio ao fascismo italiano: a exaltação do *Duce* como figura providencial; a reativação do mito de Roma como gramática “civilizatória”; a estetização da disciplina, da ordem e do sacrifício; a legitimação da violência colonial como “redenção”; e o enquadramento seletivo de telegramas e notas externas em contexto puramente moralizante.

O contexto das produções publicadas nas fontes que analisamos, por este ângulo, articulou redes locais da cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, à agenda transnacional do regime (consulados, *Fasci All'estero*, O.N.D.), sobretudo, ao converter as chamadas pautas imperiais em expectativas cotidianas à população italiana residente no Brasil. Nesse trânsito, a imprensa funcionou como aparelho de mediação, estabilizou repertórios autoritários, afinou sensibilidades pró-Mussolini e consolidou, na Ribeirão Preto dos anos 1935 e 1936, uma cultura política de adesão que se alimenta tanto da sociabilidade quanto da propaganda organizada do Estado fascista.

REFERÊNCIAS

BERTONHA, João Fábio. A “Legião Estrangeira” de Mussolini. Os voluntários não-italianos na Guerra da Etiópia, 1935-1936. In: V Congresso Internacional de História, 2011, Maringá/PR. **Anais do V Congresso Internacional de História**. 2011.

BERTONHA, João Fábio. Estrangeiros nas forças armadas italianas durante a Segunda Guerra Mundial: um “modelo fascista” de recrutamento. **Anos 90**, v. 30, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/123080>. Acesso em: 15 out. 2025.

BERTONHA, João Fábio. **Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943**. 1998. 424 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1998. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1586891>. Acesso em: 10 set. 2025.

CALSANI, Rodrigo de Andrade. **O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914)**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Franca/SP, 2010.

CARVALHO, Yuri Araujo; CALSANI, Rodrigo de Andrade. Entre “figuras austeras” e “espíritos de sacrifício”: manifestações nazifascistas em jornais de Ribeirão Preto/SP na década de 1930. **Transições**, v. 5, n. 1, p. 144-173, 28 jun. 2024.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. (v5) Ribeirão Preto: IMAG, 1987. CRAVO, Têlio Anísio; RODRIGUES, Pedro Conterno; GODOY, Marcelo Magalhães. Imigração internacional e contratos de trabalho no Império do Brasil: colonos europeus na construção de estradas na década de 1830. **Almanack**, 2020.

GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 22, n. 62, p. 55–76, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10320>. Acesso em: 13 out. 2025.

GOMES, Alessandro Martins. Menelik II e Hailé Selassié I: a luta etíope pela conservação da independência. **Identidade!** v. 22, n. 2, p. 209-225, 2018.

GONÇALVES, Paulo Cesar. A Hospedaria de Imigrantes de São Paulo: um novo espaço para o recrutamento de braços europeus pela economia cafeeira. **Brasil-Portugal: Pontes Sobre O Atlântico. Múltiplos Olhares Sobre a E/Imigração**. Rio De Janeiro: Eduerj, 2017.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FRANÇA, Jorge Luiz de. **Mulheres, imprensa e sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13909>. Acesso em: 07 out. 2025.

LAGES, José Antonio. Ribeirão Preto revisitada. Ribeirão Preto/SP: Nova Enfim, 2016.

LINS, Wilson Ribeiro; MOREIRA, Fernando Alberto Torres. A doutrinação da juventude para criação de identidade cultural nacional na ideologia fascista. **Revista de Letras UTAD / Ciências da Cultura**, Portugal, vol. 1, nº1, pp. 7-27, 2021.

MALATIAN, Teresa. Imprensa italiana em São Paulo e o fascismo: o *Fanfulla* (1921-1942). **História (São Paulo)**, v.34, n.1, p. 195-215, 2015.

MARQUES, Alexandre Kohlrausch. **A questão Ítalo-Abissínia**: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2008.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crítica do fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2022.

MUSSOLINI, Benito. *Opera omnia*. Org. E. e D. Susmel. Firenze, 1956. v.XVIII, p.160ss.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**: Segunda República (1930-1945). 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PIMENTA, Everton Fernando. Nacionalismo e Imperialismo Fascista: A Segunda Guerra ítalo-etíope sob a ótica dos escritos dos imigrantes italianos Ines e Aroldo Piacesi. **Revista Poder & Cultura**, Rio de Janeiro, vol. 3, nº 6, pp. 164-187, 2016.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura**: a III Internacional face ao fascismo. Florianópolis: Enunciado Publicações, 2021.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). **O século XX**. Vol. 2: 2. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, Thiago Barbosa; CARVALHO, Yuri Araujo. **A ideologia fascista nos cinemas da terra do café**: a exibição do filme “*Camicia Nera*” em Ribeirão Preto (1935). XVIII Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Barão de Mauá Anais, v.10, 2025.

SOUZA, Daniel Natali; DA SILVA BENVENUTTI, Cristiane Dall Agnol. A imigração italiana e os contextos históricos de Brasil e Itália no século XIX. **Caderno Intersaberes**, v. 13, n. 46, p. 145-159, 2024.

TRINDADE, Héliogio. **A Tentação Fascista no Brasil**: Imaginário de Dirigentes e Militantes Integralistas. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

TUON, Liamar. **Italianos em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto/SP: Fundação Instituto do Livro, 2010.

Fontes impressas

Bolletino Settimanale Italiano. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 23 fev. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

CARBONE, Serafim. 1920... 1935. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 14 jul. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

CARBONE, Serafim. *Il dado già é tratto*. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 28 jul. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

CARBONE, Serafim. *Italia Immortale*. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 21 jul. 1935. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

LIVROS ITALIANOS. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 7 fev. 1936. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

O CAÇULA DO EXÉRCITO ITALIANO. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 21 jan. 1936, Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Ouro para a Itália! Realizou-se hontem na “Dante Alighieri” a solemnidade da entrega das alianças de ferro aos italianos que deram as de ouro para o bem da patria. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 19 de jan. 1936. Disponível em: APHRP (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).